

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL  
ESPECIALIZAÇÃO EM NARRATIVAS VISUAIS**

**LUCAS CORTE ALVES DE SOUZA**

**A PERIFERIA NA GRANDE MÍDIA BRASILEIRA:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

**CURITIBA**

**2017**

**LUCAS CORTE ALVES DE SOUZA**

**A PERIFERIA NA GRANDE MÍDIA BRASILEIRA:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza

**CURITIBA**

**2017**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **A PERIFERIA NA GRANDE MÍDIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

POR

**LUCAS CORTE ALVES DE SOUZA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais pelo Curso de Especialização em Narrativas Visuais do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profa. Dra. Maurini de Souza – Orientadora

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

Prof. MSc. Rodrigo Stromberg Guinski

Curitiba, maio de 2017.

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

## RESUMO

SOUZA, Lucas Corte Alves de. **A periferia na grande mídia brasileira: uma análise discursiva.** 2017. 24 folhas. Monografia (Especialização Narrativas Visuais) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Este artigo pretende apresentar uma das formas de construção da identidade da Periferia no espaço midiático brasileiro. Utilizando o viés da análise do discurso baseada na postura de Pêcheux (1997 e 2002), e Orlandi (1995 e 1998), busca-se evidenciar a parcialidade adotada pela imprensa brasileira nas notícias sobre as favelas brasileiras. São analisadas notícias do Jornal Nacional e Jornal Hoje, exibidas pela Rede Globo de Televisão, do ano de 2016, disponíveis no sítio da emissora; objetiva-se identificar uma das formas de construção da identidade da periferia enquanto sujeito e lugar social. As questões levantadas na Análise do Discurso francesa e a indagação quanto à postura discursiva dos jornais e sua contribuição na formação do imaginário social, regem a análise proposta.

**Palavras-chave:** Mídia. Narrativa Jornalística. Análise do Discurso. Periferia.

## ABSTRACT

SOUZA, Lucas Corte Alves de. **Favela in the Brazilian media: a discursive analysis.** 2017. 24 pages. Monografia (Especialização Narrativas Visuais) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

This article intends to present one form of construction of the favela image in Brazilian media space. Using the bias of discourse analysis based on Pêcheux's (1997 and 2002) and Orlandi's (1995 and 1998) stance, we try to highlight the bias adopted by the Brazilian press in news about the Brazilian favelas. In this work, news from the year 2016 from the Jornal Nacional and Jornal Hoje, broadcast by Rede Globo de Televisão, were evaluated on the issuer's website; It aims to identify one of the forms of construction of favela's image as subject and social place. The issues raised in the French AD and the question about the discursive posture of the telejournals and their contribution in the formation of the social imaginary, guide the proposed analysis.

**Keywords:** Media. Journalist Narrative. Discourse Analysis. Favela.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 MÍDIA E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....</b>	<b>7</b>
2.1 LINGUAGEM AUDIOVISUAL: MEIO TÉCNICO E EFEITOS.....	7
<b>3 O LUGAR DA PERIFERIA NA MÍDIA BRASILEIRA.....</b>	<b>9</b>
<b>4 MÍDIA BRASILEIRA E A REDE GLOBO DE TELEVISÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>5 FAVELA, PERIFERIA E POBREZA.....</b>	<b>12</b>
<b>6 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA.....</b>	<b>14</b>
<b>7 ANÁLISES.....</b>	<b>15</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade apresenta, dentre as suas características, um aumento de meios de discussão de formação política. Em decorrência disso, observa-se o fortalecimento de grupos e locais sociais que buscam justiça social pautada nos direitos conquistados em amplos aspectos – subjetivos e objetivos. Em tal aspecto e a partir da constatação de uma presença abrangente e intensa da mídia na vida social e cotidiana, na cultura e na política, fundamenta-se uma análise que vincule a influência significativa da mídia na estruturação da vida social e suas possíveis contribuições.

Tema de estudos nas últimas décadas<sup>1</sup>, a mídia representa uma importante mediação simbólica, capaz de direcionar, enfatizar determinados temas em detrimento de outros, sugerir perspectivas, modelar imagens e criar contextos sociais e políticos. Neste sentido, este texto traz à pauta a observação das diferentes concepções do termo periferia na produção cultural na grande mídia brasileira, e de como tais aspectos identificam, representam ou estereotipam uma cultura de periferia, com referências de gostos e repertórios estéticos.

Utilizando a teoria da Análise do Discurso Francesa como apoio para observar a imagem da favela brasileira em programas de telejornalismo, as abordagens sobre a desigualdade social no Brasil podem ser compreendidas por outros ângulos. Assim, este artigo pretende identificar a visão sob a qual são apresentadas as notícias relacionadas às favelas brasileiras no *Jornal Nacional* e *Jornal Hoje*, principais telejornais da emissora de maior audiência no país, a Rede Globo de Televisão. O objetivo é identificar a forma de construção de imagem da periferia no centro da narrativa midiática e seus efeitos, a partir das notícias sobre periferia e favela no *Jornal Nacional* e *Jornal Hoje*, disponíveis no endereço eletrônico da emissora.

---

<sup>1</sup> LOPEZ, Debora; DITTRICH, Ivo José. **A mídia brasileira e a noção de poder em Foucault.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-midia-brasileira-Foucault.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017. SCHIAVONI, Jaqueline Esther. **Mídia: O papel das novas tecnologias na sociedade do conhecimento.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schiavoni-jaqueline-midia-papel-das-novas-tecnologias.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017. DADALTO, Maria Cristina. **A representação social sobre a imigração na mídia brasileira.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dadalto-maria-representacao-social-sobre-imigracao-na-midia.pdf>> Acesso em: 01 fev. 2017.

## 2 MÍDIA E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Dentre outras definições, mídia é sinônimo de meios de comunicação. Para estudar os tipos de situações interativas criadas pelo uso dos meios de comunicação, Thompson (1998, p.25) distingue três tipos de interação: a face a face (tradicional interação entre indivíduos, possui um fluxo de ida e volta de informação e comunicação), a mediada (que implica o uso de meios técnicos e o distanciamento no tempo e espaço) e a quase mediada, que são aquelas relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa e que se caracterizam por uma extensa disponibilidade de informação e conteúdo no espaço e no tempo.

Diferentemente das outras interações, na quase mediada, as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais. Em segundo lugar, a comunicação é predominantemente de fluxo único, na qual o remetente não exige (e geralmente não recebe) uma resposta direta e imediata. A comunicação é um ato inerente ao ser humano, carrega um discurso que confere ou nega visibilidade, enquadra e ressignifica fatos e interpretações. O processo de produção audiovisual enquanto ferramenta de comunicação apresenta as mesmas características.

### 2.1 LINGUAGEM AUDIOVISUAL: MEIO TÉCNICO E EFEITOS

A linguagem audiovisual – como um sistema de signos (visuais e sonoros) usados para a comunicação através da mídia - é, ao mesmo tempo, som, palavra e imagem editados e organizados por meio de recursos tecnológicos. Uma característica desse sistema é a aparência ilusória de informalidade. Souza (2002), argumenta a tese de que o texto publicitário apresenta uma linguagem conservadora revestida de “aparência informal e corriqueira” dentro de um contexto social restrito, com teor generalizador. Essa característica se tem observado em diferentes produtos audiovisuais, mesmo os explicitamente não pertencentes ao universo da publicidade e da propaganda.

O veículo que incorpora exemplarmente as características dessa linguagem e que, ao mesmo tempo, mais alimenta em seu público a absorção dela, no Brasil, é

a televisão. Ferrés (1996) aponta algumas das transformações na percepção da realidade causadas pela televisão. Segundo ele, “a televisão tem sucesso porque é dirigida a determinados esquemas mentais, capacidades cognitivas, estruturas perceptivas e sensibilidades previamente existentes no indivíduo. Mas ao mesmo tempo, a televisão potencializa e modifica tais esquemas, estruturas, capacidades e sensibilidades.” Para o autor, a singularidade tecnológica do meio e a singularidade de seu uso social causam efeitos independentes do conteúdo transmitido: “cada meio e cada linguagem exercem sobre a mente efeitos diferentes, porque lhe impõem atividades e processos diferentes. Cada meio e cada linguagem levam inscritos os seus efeitos porque impõem algumas formas específicas de uso. ”

O meio televisivo é icônico, baseado em imagens vivenciadas em um universo dinâmico, não somente porque a tela é o suporte para o movimento, mas também porque o telespectador se habitua a uma hiperestimulação sonora e visual. A percepção do tempo também é diferente, já que, na TV, o tempo não é linear, cartesiano, mas de atividades simultâneas. Sob a ótica de Ferrés, pode-se afirmar que a imagem, ao contrário da escrita, tem processo de decodificação imediato, o que implica no desenvolvimento de habilidades mentais relacionadas com a concretização, a síntese, numa linguagem mais associada à sugestão, à emoção, à intuição. Comparada com a escrita, a comunicação audiovisual desenvolve algumas habilidades mentais diferentes, mas não necessariamente passivas intelectualmente: “a montagem das imagens, o *zoom*, o *replay* representam uma manipulação do espaço e do tempo em relação à percepção habitual na experiência direta. [...] O espectador constrói mentalmente espaços e tempos que, com frequência, não correspondem aos espaços e tempos físicos. Os cortes e as elipses exigem a realização de constantes inferências, deduções, estabelecimento de relações [...]” (FERRÉS, 1996, p. 260-261).

Essa característica se apresenta como exemplar quando pensamos nas questões do discurso. Para Pêcheux (1997), o acontecimento (fato, objeto) é múltiplo e aberto a interpretações, que decorrem, por exemplo, do lugar social em que se encontra o observador (um jogo de futebol será um evento diferente dependendo do lugar em que o torcedor estiver sentado). Apresentar o fato sob um ângulo, porém, não é privilégio da mídia televisiva, mas é natural devido à diversidade de todos os fatos.

### 3 O LUGAR DA PERIFERIA NA MÍDIA BRASILEIRA

Periferia costuma ser o termo utilizado com a intenção de identificar genérica e abrangentemente o lugar onde vivem os pobres, marginalizados e excluídos do sistema capitalista (FREITAS, 2008). A concepção do termo, como território localizado nas margens, não é suficiente para explicar a realidade urbana contemporânea:

A conformação do lugar periférico não se efetua segundo a mesma lógica de centro e entorno, nas diversas localidades do mundo. Entretanto, o fato do complexo das favelas do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho estar situado no coração da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, não impede que o lugar seja considerado uma periferia, quando se compara o acesso às oportunidades de emprego, aos serviços essenciais, aos bens culturais e ao lazer disponíveis aos moradores não favelados. (FREITAS, 2008, p.79).

Toda a análise proposta nesta pesquisa vai se pautar nos termos “periferia” e “favela” em suas diferentes designações, buscando toda a abrangência que esses termos representam no veículo estudado.

Com a intenção de discutir como uma representação construída no centro da narrativa jornalística de grande mídia pode promover deslocamentos e contribuir para um reconhecimento legítimo e uma identidade mais sincera dos grupos marginalizados, propõe-se tratar do conceito de representação, enquanto produção de significados construídos através da linguagem e compartilhados entre os membros de uma cultura (HALL, 1997). Stuart Hall fala que a representação é a prática que nos possibilita conferir significado ao mundo e compartilhá-lo, de alguma forma, com o outro, de maneira que nos faça sentir pertencentes à mesma cultura e adquirir compreensão de um mundo social.

No específico caso dos moradores de favela, o imaginário social dominante brasileiro interpreta o “favelado” como um tipo social homogêneo. Alguns autores (ZAUAR; ALVITO, 2003; RINALDI, 2003; ZAUAR, 1997, 1985) apontaram para esta estereotipagem sofrida pelos moradores da favela, como um lugar social, como uma espécie de imaginário preconceituoso, alimentado tanto por aqueles que não

querem ser associados à favela, quanto pelo poder público, como ainda pelos que lá não moram. Eugênio Bucci (2002) reflete sobre a periferia na televisão brasileira, no contexto da continuação do filme Cidade de Deus<sup>2</sup>, na minissérie Cidade dos Homens, veiculada pela Rede Globo; para ele, a série não se coloca como uma possibilidade de reflexão e deslocamento, mas como mais uma das “jogadas” deste meio, segundo suas características comerciais, apelativas e homogeneizadoras.

É verdade que essas duas novíssimas cidades [de Deus e dos Homens] trouxeram para o público algo mais que divertimento. Trouxeram uma esperança cívica de que o entretenimento possa retratar os párias sociais e, assim, possa contribuir para a superação das desigualdades. [...] [Mas] desde o primeiro capítulo Cidade dos Homens foi deglutida por essa natureza devoradora da TV. Embora tenha representado uma renovação notável no que se via na Globo, ocupando a tela com personagens que nunca estiveram ali, com uma história de favelados “reais”, interpretada por meninos “reais”, sobre temas “reais”, com um modo de narrar surpreendente e perturbador, Cidade dos Homens foi caprichosamente deglutida. Na TV brasileira, o altar nacional do consumo e da pacificação social, toda renovação puramente estética resulta estéril. (BUCCI, 2002).

Assim, percebe-se quão fundamental é a presença de um código cultural compartilhado por meio da linguagem. A intenção, aqui, é a de explorar como isso tem sido viabilizado através da produção de narrativas televisivas que, por recursos audiovisuais e tecnológicos, fazem circular sentidos entre diferentes grupos e culturas.

---

<sup>2</sup> Filme brasileiro produzido pela Globo Filmes, em 2002, dirigido por Fernando Meireles (informações técnicas disponíveis em <http://globofilmes.globo.com/filme/cidadededeus/>. Acesso em 18.05.2017)

#### 4 MÍDIA BRASILEIRA E A REDE GLOBO DE TELEVISÃO

No Brasil, o Sistema Central de Mídia é estruturado a partir das redes nacionais de televisão. Os grupos que lideram as cinco maiores redes privadas - Globo, Band, SBT, Record e Rede TV! - controlam direta e indiretamente os principais veículos de comunicação do país (HERZ.; OSÓRIO; GÖRGEN, 2002). Segundo o projeto Donos da Mídia<sup>3</sup>, 34 é o número total de redes brasileiras de televisão e 1511 o número de veículos de comunicação ligados a elas e seus respectivos grupos afiliados no país.

A Constituição Federal de 1988 e a legislação que regula a mídia brasileira – especificamente rádio e televisão – determinam que tais meios de comunicação sejam distribuídos pela própria União ou transferidos a terceiros por intermédio de concessão pública. A concessão dos serviços de telecomunicações, de que trata o inciso XI do artigo 21 da Constituição Federal, está regulada pela Lei 9.472/97, que organiza os serviços de telecomunicações, bem como institui a Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL (ALARCON, 2015).

Com primeira concessão pública concedida pelo então presidente Juscelino Kubitschek, através do Decreto nº42.956 de 30 de dezembro de 1957, a Globo realizou uma revolução técnica na televisão brasileira e, em menos de 4 anos, assumiria a liderança absoluta de audiência (SILVA, 1985). Hoje, as Organizações Globo se destacam como o principal conglomerado do Sistema Central de Mídia do Brasil (GÖRGEN, 2009). O grupo, controlado pela família Marinho, distribui conteúdo para 26% das geradoras de televisão, 4% das rádios e 3,6% dos jornais, além de controlar a maior rede de televisão do Brasil (GÖRGEN, 2009).

Um símbolo substancial da consolidação da emissora foi o surgimento do Jornal Nacional, com estreia em 1º de setembro de 1969. O Brasil assistia simultaneamente e pela primeira vez um noticiário de televisão. Sendo o telejornal um dos propulsores da comunicação de massa, é importante considerar, em uma análise, a efetivação da manipulação de público a partir dos grandes grupos de comunicação.

---

<sup>3</sup> Conf. Em <http://www.fndc.org.br/noticias/donos-da-midia-uma-ferramenta-poderosa-para-democratizar-a-comunicacao-290030/>. Acesso em 18.05.2017.

## 5 FAVELA, PERIFERIA E POBREZA

Para a reflexão sobre questões relativas à periferia, serão apresentados, nesta seção, os olhares de Carvalho (2003) e Souza (2009), que propõem uma visão regida pelas questões históricas e culturais do povo brasileiro. Carvalho (2003) defende a tese de que a proclamação da república foi feita pelos militares. O movimento republicano integrava proprietários rurais - predominantes no partido paulista -, profissionais liberais, jornalistas, professores, estudantes de cursos superiores e oficiais do Exército. Povo, não havia. Para examinar a posição do povo, em suas várias faces na Primeira República, o autor o divide em três povos, ou três caras do povo. O povo das estatísticas - o povo civil, revelado por números censitários - era a cara mais visível. A segunda cara, o povo das eleições. E a terceira, a do povo da rua, ativo.

A Primeira República não conseguiu unificar seus três povos. Não pôde, ou não buscou, transformar em cidadão o jeca de Lobato, o sertanejo de Euclides, o beato do Contestado, o bandido social do cangaço, o operário anarquista das grandes cidades. Liberal pela Constituição, oligárquica pela prática, não foi fruto de opinião democrática nem dispôs de instrumentos para promover essa opinião. (CARVALHO, 2003).

Em busca de uma identidade nacional que fornecesse sentimento de pertencimento e união do povo, o processo de construção dessa identidade nacional brasileira se esbarrou na dificuldade de encontrar aspectos “positivos” da sociedade, tanto que durante todo o século 19 e até a década de 1920, o paradoxo da identidade nacional brasileira é materializado na impossibilidade de se construir uma “imagem positiva” para um povo de mestiços. Até que, em 1933, Gilberto Freyre publica *Casa-grande & senzala*, propondo uma nova abordagem, notando a “cultura” e não a “raça”, percebida como um processo histórico de entrelaçamento e influência de hábitos e costumes de vida, como o fundamento da singularidade social e cultural brasileira.

Dada a construção da identidade brasileira e do mito da brasilidade, Souza (2009) desenvolve o argumento de que essa singularidade brasileira não é o “jeitinho brasileiro”, mas a reprodução histórica de uma classe social de desclassificados sociais. Essa classe não deve, entretanto, ser compreendida como

exclusivamente um produto do passado distante, o que a faz destituída e oprimida é a ausência de recursos como o capital econômico e o capital cultural.

O economicismo liberal dominante na sociedade contemporânea - reproduzidor do reducionismo marxista - ao associar desigualdade social ao nível de renda econômica, esconde outros fatores não redutíveis a números e porcentagens: os fatores emocionais, morais e afetivos que constroem as diferenças sociais, das quais um dos efeitos - e não causa - é a diferença de renda. Para analisar e categorizar a "ralé" - como o autor denomina provocativamente esse grupo de desclassificados sociais - enquanto classe social, Jessé Souza desenvolve a tese de que as classes - indivíduos que compartilham de uma origem e de um destino comum - não são perceptíveis enquanto tais no senso comum. O autor argumenta que a construção das classes sociais é feita por heranças familiares emocionais e afetivas - que passam de pais para filhos por meio de sinais quase invisíveis, já que são transmitidos no âmbito privado familiar, e criam classes de vencedores e de perdedores. A pesquisa empírica que sustenta o livro, realizada ao longo de quatro anos, pretendeu mostrar o drama existencial e social dos tipos sociais mais representativos da "ralé" ao surpreendê-los enquanto classe de perdedores, vítimas do abandono político da sociedade e dos governos. Como o abandono social não é percebido, o sentimento de impotência é tornado culpa individual e substituído por autolegitimações que impedem toda crítica social e toda autocrítica individual, o que permite a reprodução continuada do abandono. A percepção dessa classe social na mídia, no governo e na academia brasileira é fragmentária. Fala-se de violência pública, insegurança, assistencialismo ou má formação de mão de obra, como se essas questões não carregassem um núcleo social comum. Souza afirma que expor e analisar origem e destino comuns a essa classe representa compreender por outro ângulo o maior problema social do Brasil - a desigualdade social - e seus desafios.

Para ele, perceber a ralé como ralé, ou seja, como um conjunto de famílias e de indivíduos assolados pela desestruturação familiar, pela naturalização do abuso sexual em todos os níveis, e pelo uso instrumental de todos contra todos, pode ter um efeito crítico, de conhecimento daquilo que todos evitamos saber.

## 6 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

“Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (...)” Essa afirmação de Foucault (2012, p.10) revela seu argumento de que o discurso é o encadeamento entre significantes e outros discursos externos, além de que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2002, p. 10). Questionando a negação da exterioridade pelo estudo da linguagem, a Análise do Discurso surge com a discussão de questões contrárias ao seu formalismo característico. A linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor à relação com o simbólico e com a divisão política dos sentidos, já que o sentido é móvel e instável. A análise do discurso francesa se constitui como uma confluência de três áreas do conhecimento: a história (ideologia), linguística, e teoria do discurso.

O objeto de estudo deixa de ser a frase e passa a ser o discurso, uma vez que foge da análise palavra a palavra da interpretação como uma sequência fechada em si. O sujeito é trazido para o centro da discussão. O sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia. Sujeito descentrado, constituído e atravessado pela linguagem.

Para a AD, o sujeito é resultado da relação existente entre história e ideologia. Se constitui na relação com o outro e, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude. “A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. (...) Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.” (ORLANDI, 1999, p.52)

Por tratar-se de uma materialidade linguística e histórica, o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia. O discurso é material simbólico, é confronto do simbólico com a ideologia, acontece no social e, por isso, implica uma exterioridade à língua. Os dados não existem em si mesmos, uma vez que a simultaneidade do fato e do acontecimento é necessária para haver significação. Para Orlandi (1999), o discurso não se trata de transmissão de informação, não é

um processo linear, onde um fala e o outro assimila. Para o analista de discurso, o objeto é o discurso.

Pêcheux (2002) pontua os esquecimentos com papel fundamental na cristalização dos sentidos, responsáveis por criar o efeito de um sujeito pleno, com o controle do que diz e o efeito da língua como sistema transparente, produtor de sentidos evidentes. No primeiro esquecimento, o ideológico, o sujeito pensa ser a fonte do sentido, quando, na verdade, ele apenas retoma sentidos já-ditos, a partir da ação que o inconsciente e a ideologia realizam sobre ele. O segundo esquecimento é o de que aquilo que o sujeito diz significa exatamente o que ele quis dizer, e não poderia ser dito de outra forma.

Esses conceitos, reunidos, serão apresentados como base para a análise a que se propõe, a fim de compreender, por meio do discurso, as relações ideológicas entre o jornalismo da rede Globo de Televisão e a periferia deste país

## **7 ANÁLISES**

No primeiro momento desta pesquisa, o objetivo era de levantar o número de notícias veiculadas pelo Jornal Nacional e Jornal Hoje em que os termos favela e periferia foram utilizados no título das matérias e, portanto, apresentavam narrativas jornalísticas relevantes no contexto deste trabalho, durante os últimos três meses do ano de 2016. A pequena quantidade de material encontrado levantou a necessidade de estender o período para todo o ano de 2016 – totalizando onze notícias – e, além de concretizar os argumentos levantados em revisão bibliográfica quanto à representatividade do grupo social em questão, este primeiro resultado dá indícios dos aspectos compreendidos na elaboração das considerações finais deste trabalho. As notícias apareceram nas edições televisivas dos jornais e, posteriormente, foram reproduzidas na íntegra em seus sítios na web. As matérias estavam disponíveis em vídeo, mas seus elementos imagéticos não serão analisados neste trabalho com a intenção de evidenciar questões específicas do discurso, desprezando, neste momento, a semiótica.

As notícias serão analisadas pelos seguintes critérios baseados nas propostas de AD de Pêcheux/ Orlandi:

- Relação discurso e ideologia;
- O significado depende de quem e de onde se enuncia;
- A importância do pré-construído;
- O dito, o não dito e o silêncio.

As matérias encontradas são (título e subtítulo):

07/04/2016 – **Duas pessoas morreram e três ficaram feridas em tiroteio na favela do Jacarezinho** - Troca de tiros entre policiais e traficantes foi durante a operação da unidade de polícia pacificadora. Mais de mil alunos ficaram sem aula e trens pararam de circular.

20/06/2016 – **Bandidos arrastam adolescente em tentativa de assalto na periferia de Belém** - Os bandidos tentaram levar a mochila de uma adolescente, que resistiu ao assalto e foi arrastada pela moto. Eles foram embora após ouvirem os moradores que socorreram a menina. Ela machucou a perna e o braço sem gravidade.

11/08/2016 – **Soldado da Força Nacional baleado em favela do Rio ainda corre risco de vida** – Estratégia de segurança foi montada para prender os suspeitos do ataque.

11/08/2016 – **Acessos da favela da Maré são bloqueados pela Força Nacional** – Objetivo é prender suspeitos do ataque da Força Nacional. Soldado baleado ainda corre risco de vida.

12/08/2016 – **Morre Soldado da Força Nacional baleado ao entrar por engano em favela no RJ** – Ele levou um tiro ao entrar por engano em uma favela no Rio de Janeiro.

24/09/2016 – **Ônibus são incendiados no Rio em protesto contra operação em favela** – Segundo a Polícia Militar, foi um protesto contra uma operação numa favela da Zona Oeste que deixou um suspeito morto. Dois homens foram presos.

01/11/2016 – **Morte de um homem do Leme provoca protesto de moradores da favela Chapéu-Mangueira** – Os moradores entraram em confronto com os policiais. A Polícia Militar disse que foi recebida a tiros ao conferir uma

denúncia sobre um traficante e que, logo depois, encontrou um suspeito baleado na cabeça.

08/12/2016 – **Turista italiano é morto após errar o caminho e entrar em favela no Rio** – Vítima estava acompanhada do primo, que conseguiu escapar. Eles visitaram o Cristo antes de serem surpreendidos por bandidos.

09/12/2016 – **Justiça manda prender acusados de matar turista italiano em favela do RJ** – A Justiça mandou prender seis acusados de matar um turista italiano no Rio. Guiado pelo GPS, Roberto Bardella entrou em uma favela e acabou baleado na cabeça por bandidos. Ele estava em uma moto ao lado do primo, que conseguiu escapar sem ferimentos.

18/12/2016 – **Estudante da periferia de SP é aceito na Universidade de Stanford (EUA)** – Gustavo Torres da Silva mora no Capão Redondo, bairro da periferia de São Paulo. Ele estudou em escola pública até o fim do Ensino Fundamental.

27/12/2016 – **Incêndio destrói parte de favela em São Paulo** – O fogo começou na madrugada. A maior parte das casas era de alvenaria e muitas ficavam bem ao lado da linha do trem e de uma torre de alta tensão. Vinte famílias estão desabrigadas.

As matérias na íntegra podem ser encontradas no site da emissora.

### **Relação discurso e ideologia:**

Para inserir essa questão na análise, é preciso ressaltar a postura de Orlandi a considerar que, assim como, na Psicanálise, considera-se que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, “na Análise do Discurso, consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte do funcionamento da linguagem. É assim que a Análise do Discurso permite compreender a ideologia - e o seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente - pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso.” (ORLANDI, 1999, p. 96)

A relação entre discurso e ideologia se materializa quando são analisados os conceitos de formação ideológica e formação discursiva. Por formação ideológica, pode se compreender como o conjunto de representações das práticas institucionais de um grupo social. No cenário analisado, nota-se a reprodução dentro de uma

formação ideológica como regente das escolhas nas matérias. A maioria das notícias se enquadra em uma linha ideológica de apoio ao *status quo* vigente, não deixando espaço para identificação de outras questões ao grupo social periférico que não façam referência à violência.

Em discursos como os utilizados nas matérias de 20/06/2016 - **“Bandidos arrastam adolescente em tentativa de assalto na periferia de Belém”** - e 07/04/2016 - **“Duas pessoas morreram e três ficaram feridas em tiroteio na favela do Jacarezinho”** - é possível identificar a violência como tema de principal foco, que deixa nas sombras ou silencia as outras informações ligadas aos acontecimentos. Da mesma maneira, na reportagem de 24/09/2016 - **“Ônibus são incendiados no Rio em protesto contra operação em favela”** - percebe-se a reprodução da posição ideológica assumida, que reduz à violência e à incivilidade as ações de protesto do grupo social, ignorando a violência a que foram submetidos durante a operação na favela. Além disso, o agente da ação, os sujeitos “bandidos” moradores da favela, apaga quaisquer características equívocas de identidade do sujeito que, assim como o acontecimento, é apresentado com “a mesma univocidade lógica” (PÊCHEUX, 2002, p.23), incoerente com as características de um acontecimento envolvendo interesses sociais, econômicos e políticos, fruto de uma história marcada por conflitos.

É importante ressaltar que dentre as onze matérias analisadas, o discurso utilizado em oito reportagens faz uso de termos relacionados à morte ou a risco de vida. A escolha desses termos movimenta efeitos de sentido que colocam em conflito o discurso, considerando que, para a Análise do Discurso, é através dos discursos que se constroem os traços ideológicos que moldam a realidade.

### **O significado depende de quem e de onde se enuncia. A importância do pré-construído:**

Para a AD, a construção de significado depende do local em que o discurso é enunciado, da sua função no ato da enunciação e em que circunstâncias este discurso foi produzido. Segundo Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro.” (2002, p.53) Os sentidos são regulados

socialmente, a mesma expressão provoca diferentes sentidos de acordo com quem enuncia e a posição que ocupa, já que o sentido é independente da materialidade discursiva.

Para contribuir com a análise, é importante ressaltar o argumento defendido por Orlandi (1999) de que o dizer não é propriedade particular. “O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras.” Essa afirmação direciona ao conceito de interdiscurso, definido como aquilo que fala antes:

(...) é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso possibilita dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 1999, p. 31).

Esses elementos atravessam todas as reportagens referidas neste trabalho. A imagem da favela que se emerge nas notícias é destrutiva e danosa, na medida em que, através da reafirmação, os telejornais, e parte do jornalismo da grande mídia brasileira<sup>4</sup> materializam em diferentes formas, o imaginário social de que o sujeito periférico é incivil e violento. Essa abordagem torna concreta a realidade do momento em que a notícia é transmitida, o que é possível devido às construções anteriores a respeito da periferia brasileira.

A reportagem de 18/12/2016 – **Estudante da periferia de SP é aceito na Universidade de Stanford (EUA) – Gustavo Torres da Silva mora no Capão Redondo, bairro da periferia de São Paulo. Ele estudou em escola pública até o fim do Ensino Fundamental** – é a única matéria que não seria inserida dentro do grande tema de violência. Sua presença, entretanto – e ao contrário do que se espera – não interfere inversamente ao processo de construção da imagem da periferia, mas a reforça. O mérito do estudante não altera o sentido pré-construído, uma vez que a reportagem dá foco a um caso específico e individual. Em nenhum momento, são relatados os problemas da educação pública, ou mesmo as condições enfrentadas pelos estudantes da periferia para acesso à escola. O que

---

<sup>4</sup> Conf. SILVA, e SOUZA, 2013; e FERREIRA, RESENDE E SOUZA, 2016.

permeia o discurso é o lugar ocupado pelo enunciador com visão reducionista: **mesmo** sendo da periferia, um estudante foi aceito em uma universidade americana, um **não-lugar** para o periférico.

### **O dito, o não dito e o silêncio:**

É ilusória a percepção de que os mecanismos linguísticos são formados exclusivamente por aquilo que é verbalizado ou escrito, ou seja, pelo que é dito. O que não é dito é relevante e contribui à construção e movimento dos significados. Orlandi (1995) discute o *silêncio* e o define não como vazio e sem sentido, “não é ausência de sons ou de palavras (...); ao contrário, é o indício de uma tonalidade significativa.” (1995, p.70)

Dentro desse conceito, as reportagens analisadas representam dois pontos importantes do *silenciamento*. O primeiro e mais claro é o que não é exposto: as informações, os acontecimentos, os fatos que não são escolhidos como assunto para as notícias. Os critérios dessa escolha são intrinsecamente relacionados à formação ideológica do sujeito enunciador do discurso. O Jornal Nacional e o Jornal Hoje exibem juntos uma média de 9.504 (nove mil, quinhentos e quatro) reportagens por ano, ou seja, no ano de 2016, 9.493 matérias não-relacionadas à periferia foram televisionadas. Isso significa que em 9.493 vezes, o lugar social da favela foi silenciado. Importante destacar que duas, das 11 matérias em que a periferia foi destaque, referem-se ao assassinato de um turista italiano. Sob a visão de Chomsky/Herman (2003), tal turista seria “merecedor” de espaço na mídia, enquanto que, de maneira geral, o periférico não é.

Para a análise do segundo ponto, é necessário aprofundar o conceito de *política do sentido*, definido por Orlandi (1995) como o fato de que dizer algo, necessariamente apaga outros possíveis sentidos decididamente não ditos. Como o sentido é resultado de um processo histórico, a formação de sentido – ou de identidade – do sujeito morador da favela é atravessada e interrompida pela escolha consciente do enunciador do que dizer e, portanto, do que não dizer no discurso.

Assim, quando se escolhe dizer “polícia pacificadora” (matéria de 07/04/2016 – **Duas pessoas morreram e três ficaram feridas em tiroteio na favela do Jacarezinho**) ou “Bandidos” (matéria de 20/06/2016 – **Bandidos arrastam**

**adolescente em tentativa de assalto na periferia de Belém**), opta-se por não caracterizar a polícia ou os acusados de outra maneira (como, por exemplo, repressora e suspeitos). Além disso, os sujeitos violentos, que emergem desses discursos, em nenhuma das matérias, são fontes de informação.

## 8 CONSIDERAÇÕES

As notícias analisadas evidenciam a parcialidade adotada pelo sujeito enunciativo, de forma a afirmar a postura discursiva e, portanto, ideológica da imprensa brasileira. Atribui-se como resultado dessa conduta histórica, a formação distorcida de sentidos referentes à favela enquanto lugar e sujeito social e a interrupção na formação de sua identidade.

Por meio da análise do discurso, é possível caracterizar pontos em que essa ideologia se sustenta. Se por um lado, observa-se que os “ditos”, isto é, a informação que compõe textualmente a reportagem, parte de um lugar de estranhamento quanto às periferias. Quem incendeia ônibus em protestos ou violenta pessoas que, por engano, adentram seus espaços, são diametralmente opostos aos entrevistados padrão do jornalismo nacional: artistas, políticos, esportistas ou outros profissionais bem sucedidos sob a ótica econômica. Esse fato não deveria ser motivo de denúncia se o órgão aqui analisado não fizesse parte do conjunto de concessões públicas nacionais e, como tal, não tivesse a obrigação de atender as diversas camadas da população; mas é concessão pública e deve atuar dentro da diversidade brasileira, pois essa diversidade, em diferentes graus, paga seus impostos e, por conseguinte, é integrante da política nacional.

O outro lado da questão centra-se nos “não-ditos”, escolhas de abordagens unívocas e silenciamento de toda uma categoria social, que não consegue ser fonte das informações do seu entorno nem nas ínfimas reportagens em que é inserida na pauta (0,11% das matérias dos telejornais).

Tal escolha da grande mídia não explica a injustiça social no país, mas é preciso se deter em tais abordagens – com a rigidez das teorias que se apresentam para tal – com o objetivo de não somente estudá-las como imutáveis, mas transformar a realidade a partir do conhecimento adquirido. Este é, em última instância, o objetivo deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BUCCI, E. **Televisão objeto**: a crítica e suas questões de método. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA-USP, 2002.

CARVALHO, J. M. de. Os três povos da república. **Revista USP**, São Paulo (SP), n. 59, p. 96-115, set./nov. 2003.

HERMAN, Edward S./CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público: Política e poder econômico no uso da mídia**. São Paulo: Futura, 2003.

FERREIRA, Douglas Ciriaco, RESENDE NETO, Mário Ribeiro e SOUZA, Maurini de. MST e Jornal Nacional: uma relação dialética?... Em POLETTTO, Juarez (organizador). **Literatura e experiência humana: tecnologia e trabalho**. Curitiba: UTFPR, 2016.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREITAS, G. B. de. Periferia midiaticizada – midiaticização da periferia. In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT. **Anais...** Salvador: Bahia, 2008.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HERZ, D.; OSÓRIO, P.L.; GÖRGEN, J. Quem são os Donos. **Carta Capital** n. 179, ano 8, p. 17- 19. São Paulo: Confiança, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso.** Estrutura e acontecimento. Trad. Eni Orlandi, Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 2002.

SILVA, Uíara Chagas e SOUZA, Maurini de. O MST no jornal hoje uma análise discursiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas (SP), v. 55, n. 12, p. 177-191, dez. 2013.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Maurini de. **A Trajetória do tratamento de segunda pessoa em textos publicitários durante o século XX:** um comparativo entre Brasil e Alemanha. Tese de Doutorado em Estudos Lingüísticos. Curitiba: UFPR, 2012.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.